

O toque da cura

The touch of healing

Prof. Dr. Antonio Carlos Lopes¹

*“Ser médico é colocar em prática o amor ao próximo.”,
Antonio Carlos Lopes, presidente da Sociedade Brasileira
de Clínica Médica*

Atravessamos um período em que a classe médica está em polvorosa. O centro da polêmica continua sendo a Resolução 2.227/2018, do Conselho Federal de Medicina, que define e disciplina a telemedicina como forma de assistência mediada por tecnologias.

Entre outras novidades, a normativa, prevista para entrar em vigor daqui três meses, estabelece que os médicos brasileiros poderão realizar consultas online, assim como telecirurgias e telediagnóstico, entre outras formas de assistência à distância. Enfim, abre uma lacuna perigosa, já que é bem genérica e ampla.

Muitos médicos protestaram veementemente. Não só os médicos, como conselhos estaduais, associações de profissionais de medicina e sindicatos. Há também os que defendem a proposta, alegando que a tecnologia é o futuro da saúde. Que só assim chegaremos a áreas remotas, reduziremos investimentos e ampliaremos o atendimento.

Mas algumas questões precisam ser pensadas de maneira mais concreta: por que permitir que profissionais não médicos integrem o processo se a responsabilidade continua integralmente com o médico? Onde ficarão registrados os dados dos pacientes? Quem será responsável e responsabilizado? Todo brasileiro deve ter direito ou somente quem pode pagar? A Telemedicina beneficia a saúde ou empresas de saúde? Todos os pacientes tem acesso à internet, considerando que em muitos locais nem eletricidade há? A Propedêutica vai ser excluída do curso de Medicina ou será útil somente nos consultórios particulares? Existe diferença entre pacientes?

Não somos contra o progresso e sim a favor do paciente. Compreendemos que a medicina não pode se transformar em terra de vale tudo para empresas do ramo tecnológico. Por mais que novas soluções facilitem a comunicação à distância, elas jamais substituirão aquilo que é praticamente a alma da prática médica: o toque, a interação humana.

Ninguém em sã consciência pode argumentar que uma consulta presencial é igual àquela feita via internet. Não o é nem nunca será. A telemedicina é tapar o

sol com a peneira. É, mais uma vez, enganar a população afastada que clama e merece atendimento médico digno.

Já na consulta presencial, há a relação médico-paciente, abrangente e importante para um bom diagnóstico. O olhar, o tom de voz, a expressão corporal, tudo isso faz muita diferença. Outra característica insubstituível de uma consulta presencial é examinar o paciente. Quando um médico toca no doente, algo de sobrenatural acontece. O médico colhe informações preciosas ao sentir a temperatura da mão, ao auscultar o coração, o pulmão.

Um bom médico não abre mão jamais desse momento mágico e sagrado da medicina. Os pacientes, certamente, não quererão abdicar dele também. Às vezes, só o toque do médico, o olhar cuidadoso e algumas palavras já ajudam muito a reverter quadros de enfermidades.

Jamais uma consulta dermatológica à distância terá a mesma eficiência de uma presencial, só para pegar um exemplo bem simples. Quando você toca em uma pinta na pele em uma erupção cutânea, você detecta a aspereza, capta se é um simples vaso estourado ou outro tipo de lesão. Sente a textura e vai colhendo dados essenciais para concluir se é uma reação alérgica a algum medicamento, a uma picada de inseto, se é rescaldo de um traumatismo e assim por diante. Alguém acha que isso é possível via a tela do computador?

Não somos contrários ao uso de recursos tecnológicos na prática médica. Usamos frequentemente algumas ferramentas para tirar dúvidas e manter o paciente acolhido. Mas o limite é mais ou menos este. O médico, ao menos o bom médico, aquele que gosta de gente, que vive para curar e salvar vidas, jamais aceitará que lhe sejam furtados os princípios elementares da relação com o paciente: a anamnese e o exame físico presenciais.

William Osler, um dos maiores expoentes da Clínica Médica, ficaria pasmo com todo esse episódio, envolvendo os rumos da telemedicina no Brasil. Canadense de nascimento, ele foi, no século XIX, um dos professores fundadores do Hospital John Hopkins, em Baltimore, que revolucionou o ensino médico nos Estados Unidos. É dele a famosa frase: *“A medicina deve começar com o doente, continuar com o doente e terminar com o doente”*.

¹ Presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica.